

Júlio César Malba Tahan de Mello e Souza

A incalculável herança d'O homem que calculava

Valdemar Vello - Professor e editor

Artigo apresentado no Simpósio de Malba Tahan, Queluz, 2006

Para viver plenamente o presente, construindo-o na multiplicidade das nossas experiências, é preciso valorizar detalhes de um passado que nos é precioso. E ainda mais importante que isso é saber dar liberdade à imaginação para antecipar cenas de ações futuras que, pouco a pouco, edificam nossos ideais. Para reviver Malba Tahan é preciso dar um vôo no futuro. Um recorte no tempo... “futuro”: maio de 2095, em comemoração ao bicentenário de nascimento de Júlio César de Mello e Souza, a Rede Brasileira de TVs Educativas retransmite o primeiro episódio da série “O homem que calculava” – o conto dos 35 camelos. E Beremiz inicia sua fala – “Senhores! Para resolver de uma vez essa questão, permitam que junte aos seus 35 camelos mais um, que pertence aqui ao meu amigo Hank Tade Maia!”

Enfática e verdadeira, essa identidade passado-presente-futuro qualifica o romance “O homem que calculava” como obra definitiva. Obra rara, eterna! O sucesso alcançado por Malba Tahan em inúmeros países nos dá garantias de que essa divulgação consciente, e nesse caso literária, do conhecimento matemático, continuará por muito tempo a encantar jovens leitores e, ainda, platéias e telespectadores em todo o mundo. Por que esse sucesso em uma área do conhecimento humano tão castigada pela incompreensão, muitas vezes perceptível e manifesta pela própria população?

Qual é a magia em “O homem que calculava”? Júlio César de Mello e Souza, sem antever a evolução da Educação Matemática no Brasil, original e muito atuante nos dias atuais, revelou-se um dos nossos primeiros etnopedagogos. Malba Tahan, hoje, pode ser considerado nosso primeiro etnomatemático de verdade! Em seu primeiro livro “Contos de Malba Tahan”, de 1925, assinado por Júlio César de Mello e Souza, não há qualquer referência ao famoso Beremiz Samir.

Na segunda edição, em 1929, assumindo o pseudônimo, já como autor da obra, surge pela primeira vez o conto “O homem que calculava”, que se tornaria romance autônomo anos depois. Toda a obra de Julinho, o menino de Queluz, foi edificada desde sua infância, já na escolinha de sua mãe, revelando-se um ótimo contador de histórias. Pela criação de seus personagens fantásticos, pelo seu fascínio por animais – seu cão e companheiro Sultão, sua “coleção” de sapos, no fundo do próprio quintal que se debruçava para o rio Paraíba do Sul...

É muito importante destacar que, no princípio, Julinho detestava a “ciência dos números”, mas foi na própria vida que encontrou razões para gostar muito da Matemática, tornando-se um dos maiores incentivadores dos jovens e professores. Julinho Malba Tahan descobre o poder da Matemática na oralidade de seu povo, na cultura de sua gente. Sua visão etnoantropológica, precoce, nos brinda com os deliciosos “Meu anel de sete pedras” e “Folclore da Matemática” (Os números governam o mundo). Interessantes, também, são os livros da “série” “Matemática divertida e curiosa” e etc, que merecem preciosas atualizações editoriais. Julinho Beremiz Samir descobre o poder da matemática no fazer cotidiano, na alegria de aprender Matemática fazendo. Em “Didática da Matemática”, encontramos orientações detalhadas de como implantar nas escolas os Laboratórios de Matemática, sabidamente indispensáveis à boa formação nessa ciência de múltiplas aplicações em nossa vida. Julinho de Mello e Souza descobre o poder da matemática nas atividades lúdicas, nos jogos infantis, nas brincadeiras, nas lendas... Júlio César de Mello e Souza vê Matemática nas cantigas de roda, na poesia, na literatura bem feita... Sua obra faz, com maestria, a integração da Matemática e da Língua Portuguesa... e isso já é fabuloso para os princípios de uma educação moderna, avançada... Muito, muito antes dos preceitos destes nossos tempos. Júlio César de Mello e Souza descobre Malba Tahan e nós, com reverência, agradecemos a Allah, Deus de todos os homens e de todas as nações, o presente recebido dos céus: o brasileiríssimo “O homem que calculava”!

Verão de 2006, noite cálida, madrugada a fora... A obra toda de Júlio César de Mello e Souza é tão valiosa para a Educação Matemática, que sua organização cuidadosa nos permite aplicá-la, quase em sua amplitude, aos conteúdos das diferentes séries do Ensino Fundamental, tornando-se ainda mais proveitosa, a partir das quartas e quintas séries, momentos em que os jovens estudantes ensaiam e iniciam seus primeiros vôos com autonomia.